

A VULNERABILIDADE COMO PROXIMIDADE SEGUNDO A PARÁBOLA DO BOM SAMARITANO (LC 10,25–37)

RAMIRO DÉLIO BORGES DE MENESES
MARIA DE FÁTIMA PINTO RIBEIRO

Introdução

O vulnerável é atingido ou ferido no seu ser e no agir, segundo a parábola do Bom Samaritano e traduz o sentido etimológico da *Bíblia Sacra* de S. Jerónimo: vulnera (as feridas) (Lc.10,34)¹.

Trata-se de um ser de um agir e de um fazer que, em sentido figurado, aparece como fragilidade de uma pessoa. Manifesta-se como a ferida do existir². Segundo a parábola do Desvalido no Caminho é um *ex-sistere* (estar a partir de qualquer coisa) lábil como se revela no “semi-morto”³. A vulnerabilidade traz ontologicamente a marca da potencialidade do existir. Esta é *in fieri* como imperfeição do ser, do agir e do fazer, tal como surge na narrativa – conto do Bom Samaritano, a vulnerabilidade é um *fieri* das feridas do coração. Revela-se como cedência da espiritualidade do coração.

Esta reside na insuficiência ontológica, que traduz a quebra do ser, do estar, do agir e do fazer⁴.

A Vulnerabilidade, naturalmente, refere a grande instabilidade, em que se estrutura o existir, que se implica na essência dos nossos comportamentos.

¹ *Bíblia Sagrada*, versão dos textos originais, Lucas 10, 25-37, (pp. 1692-1693).

² MENESES, R. D. B. – “O Vulnerável segundo a parábola do Bom Samaritano” in: *Revista de Cultura Teológica*.56 (S. Paulo, 2006) p. 11.

³ *Bíblia Sagrada*, versão dos textos originais, Lisboa/Fátima, Difusora Bíblica, 2003, Lucas 10, 25-37 (p. 1693).

⁴ MENESES, R. D. B. – “O Vulnerável segundo a parábola do Bom Samaritano” p. 12.

Segundo Lévinas, antes da polaridade do Bem e do Mal, apresentada pela “eleição”, o sujeito encontra-se comprometido com o Bem na passividade⁵.

Assim, a vulnerabilidade é uma forma de passividade e de proximidade do sujeito, como veremos ao longo deste estudo.

A vulnerabilidade está plenamente condicionada por esta passividade, que permanece no ser do seu sofrer. Poderemos dizer que esta experiência é necessária *in passo*, (no padecimento)⁶ tal como se descreve pelo acontecimento soteriológico da parábola do *Homo Viator* em Lucas⁷.

A vulnerabilidade é uma forma de passividade. Esta antecede frequentemente as nossas ações e pode anteceder aquela. A vulnerabilidade é do domínio do patético e o patético da vulnerabilidade é um *esse* pré-filosófico, donde tudo parte, tal significa que ele é o solo da desproporção da vivência pela polaridade finito e infinito⁸.

Como analisaremos, através do pensamento de Lévinas, a parábola de Bom Samaritano é a narrativa da vulnerabilidade. Trata-se de uma metáfora vivente, que se centra no Desvalido no Caminho e que é o “rosto da vulnerabilidade”.

O “*des-valere*”, ausência de valor, de dignidade, de ser e de fazer, tem a sua metáfora no “semi-morto” que ia de Jericó a Jerusalém, onde no Gólgota realizará a passividade da passividade⁹.

O “Desvalido no Caminho da parábola é além do *Homo Viator*, o *homo pateticus*, que carrega *per se* a vulnerabilidade pela cedência do ser Outro, como forma de passividade.

A fragilidade do Desvalido no Caminho é referida pelo versículo: Certo Homem (*quidam homo*) descia de Jerusalém para Jericó e caiu às mãos dos salteadores que depois de O despojarem e encherem de pancadas O abandonaram, deixando - O meio-morto. A vida da vulnerabilidade anárquica, é aquela que vem do Pai das Misericórdias vive-se na Paixão e Morte do “semi-morto”. A vulnerabilidade é a vida e o caminho da cruz¹⁰.

⁵ *Ibidem*, p. 13.

⁶ *Ibidem* p. 13.

⁷ *Bíblia Sagrada*, versão dos textos originais, Lucas 10, 25-37 (pp. 169-1693)

⁸ MENESES, R. D. B. – “O Vulnerável segundo a parábola do Bom Samaritano” pp. 19; 25.

⁹ *Ibidem* p. 21.

¹⁰ MENESES, R. D. B. – *O Desvalido no Caminho: O Bom Samaritano, como paradigma da Humanização em Saúde*, Santa Maria da Feira, Edições Passionistas, 2008, pp. 106-107

Ao longo do nosso estudo, podemos ver que a vulnerabilidade tem um “rosto”. Este é sofredor e está aniquilado pela fragilidade da angústia existencial. Na vulnerabilidade, o coração está quebrantado pela dor e pelo sofrimento. Há uma cedência do coração, o Samaritano da parábola ao cuidar do Desvalido (metáfora da vulnerabilidade) será o pastor do vulnerável. É aquele que está ao seu serviço, que cuida d’Ele após ver e ouvir o apelo: Eis-me aqui... Na parábola da vulnerabilidade do *Homo Viator*, encontraremos pelo caminho do nosso existir, a passividade e a proximidade do vulnerável (nu, doente marginal, etc.)¹¹.

A vulnerabilidade, como princípio, quando questionada no domínio da Bioética, alicerça-se heurísticamente na medida em que se procura e busca o conhecimento e impõe-se pelas seguintes razões: evocar duas categorias essenciais da condição humana (a finitude e a transcendência) e relaciona-se dialecticamente, sendo um meio de articulação, pelos princípios da Bioética, provocando uma reflexão sobre os dilemas suscitados pela tensão constante, no centro das relações profissionais, desde procedimentos terapêuticos até à recusa de tratamentos¹².

A Vulnerabilidade activa e passiva, em Lévinas, pela parábola do Bom samaritano

A exposição ao Outro não é conhecimento, mas antes sofrimento e dor. A sensibilidade, não é intencionalidade, será antes estar exposto ao contacto, é estar separado e passivamente à disposição, e estar à mercê, é estar às ordens. O Desvalido está às ordens do Samaritano, para que este “cuide d’Ele”¹³.

A sensibilidade surge como passividade, vulnerabilidade, exposição interminável, que não resulta de qualquer decisão¹⁴.

O Desvalido no Caminho manifesta-se num “apelo”. O “semi-morto” não grita, não geme e não tem voz. É a voz sem voz. No seu silêncio faz um apelo: cuida de mim. Este apelo é a vocação da vulnerabilidade, dado que o Samaritano respondeu: Eis-me aqui. O apelo do Desvalido vem da vulne-

¹¹ MENESES,, R. D. B. – *O Desvalido no Caminho: O Bom Samaritano, como paradigma da Humanização em Saúde*, , pp. 23-65.

¹² ZUBEN, N.A.V., - Vulnerabilidade e Decisão: tensão no pacto médico. *Revista O Mundo da Saúde* - São Paulo, ano 30v. 30 n.3 Jul/Set 2006. p. 442.

¹³ *Bíblia Sagrada*, versão dos textos originais, Lucas 10, 36 (pp. 1692-1693).

¹⁴ BRITO, J.H.S., – De Atenas a Jerusalém: *a subjectividade passiva em Lévinas*, Lisboa, Universidade Católica Editora, 2002, p. 214.

rabilidade activa, que é ele mesmo, o indefeso, o pobre, o peregrino, e o estrangeiro, que exige a presença da vulnerabilidade passiva: o Samaritano. A manifestação do rosto despido, como apelo no mundo do Samaritano é a revelação do Outro (semi-morto), que exige de todos nós (enfermeiros, médicos, paramédicos, etc.) respeito e acolhimento, porque como diz Lévinas esse Outro é doente, pobre e fraco. São as figuras da vulnerabilidade¹⁵.

A passividade do sujeito indica a afecção “traumática”, que vem de fora, sendo a impossibilidade em que se encontra o sujeito de assumir esta. O extremo da passividade é o sujeito enquanto bondade¹⁶.

Segundo a parábola de Lucas, passivo será o Samaritano, que é chamado pelo Outro (desvalido no caminho) na sua miséria. Há uma assimetria na relação entre o Samaritano e o “semi-morto”. O Desvalido (Outro) é que dá a ordem (é activo), sendo o Samaritano uma vulnerabilidade passiva, porque, recebe o mandamento: cuida de mim!...Ajuda-me!...¹⁷.

A passividade do sujeito, como vulnerabilidade, não se anula porque, responde ao Bem. A subjectividade humana, extrema passividade, é uma obsessão irremediável pelo Outro (desvalido).

Lévinas fala-nos de um Eu voltado para si mesmo, mas responsável pelo Outro, aberto ao Outro e sem possibilidade de se fechar. O Eu, em si e por si, é uno e único, faz-se uno e insubstituível como acusado pelo Outro e respondendo por Ele¹⁸.

Interpretando a parábola do *Homo Viator*, pelo pensamento de Lévinas, o samaritano não está voltado sobre si mesmo. Este é um Eu aberto, porque foi levado a responder pelo Outro e para o Outro (Desvalido no Caminho). O Samaritano responde pelo Outro e dá conta do Outro¹⁹. È o pastor da fragilidade do desvalido.

A passividade, que nenhuma actividade do sujeito pode reassumir, constitui o sujeito como origem de tudo. Aparece como impossibilidade de uma auto-identificação do sujeito, que faça d’Ele substância contemporânea a si mesma.

¹⁵ MENESES, R.D.B., – O Desvalido no Caminho: O Bom Samaritano, como paradigma de humanização em saúde, p. 201.

¹⁶ LÉVINAS, E., - *Autrement qu’être au delà de l’essence*, La Haye: Nijhoff, 1974, pp. 74-75).

¹⁷ MENESES, R. D, B.- O Desvalido no Caminho: O Bom Samaritano, como paradigma dea Humanização em saúde, p. 123-124.

¹⁸ J. TUDELA – “El Exceso de Bien: Subjectividad y significación ética en E. Lévinas”, in: *Escrites del Verdat*, 12 (Madrid, 1982), p. 76.

¹⁹ MENESES, R. D. B. – *Ibidem* p. 125.

Segundo Lévinas, a unicidade irreduzível do sujeito é a contracção do sofrer pelo outro, que já é um sofrer para o Outro. É uma vulnerabilidade activa. A subjectividade do sujeito é a transferência do “pelo outro” no “para o outro”. “Na parábola, ao aplicar-se o sentido Levisiano do sujeito, o samaritano vive na doação do “pelo outro” no “para o outro”, desde a proximidade ao acolhimento desinteressado”²⁰.

O Desvalido no Caminho da dor e do sofrimento é a metáfora vivente da *via crucis* dos doentes, dos deserdados, dos pobres, dos doentes, que possuem um paradigma de discípulo, que ajuda a levar a Cruz como símbolo de vulnerabilidade pela *via doloris*²¹.

O sentido da vulnerabilidade, na parábola do Bom Samaritano, perante o Desvalido no Caminho, (vulnerável activo), surge um agir frágil no Samaritano (vulnerável passivo) visto que a “comoção das vísceras”, é uma espécie de ferida no coração *sub pectore vulnus (ferida sob o peito)*.

O primeiro evangelho da vulnerabilidade revela-se na parábola do Desvalido no Caminho, uma vez que o Desvalido no Caminho simboliza a vulnerabilidade activa, que habita no Pai das Misericórdias, enquanto a vulnerabilidade passiva tem um rosto pela comoção das vísceras. O Samaritano sofreu uma acção, de fora para dentro, pelos *rahamim*, (as entranhas) que motivaram esta vulnerabilidade, porque sofreu uma revolução pelo “estremecimento das entranhas”²².

A parábola do Bom Samaritano, segundo Ramiro Meneses, é uma narrativa da vulnerabilidade, ora na activa, ora na passiva. As duas formas de vulnerabilidade são expressão de uma mesma vulnerabilidade existencial, que afecta toda a narrativa.

Trata-se de uma narrativa plesiológica, (a reflexão sobre o que está ao meu lado ou próximo) que referencia um elenco próprio como um “argumento vulnerável”, onde se centra a vida frágil de um Desvalido. As acções plesiológicas do Samaritano são cuidados (...ligou-lhe as feridas, derramando azeite e vinho...). Na verdade, tendo-o feito sair, colocou-o sobre a montada, levou-o para uma estalagem, para cuidarem d’Ele) e são marcadas pela fragilidade activa do Desvalido (certo homem). Todas as conotações plesiológicas da “comoção das vísceras” aparecem e manifestam-se nos significados do fazer vulnerável²³.

²⁰ MENESES, R. D. B. - *O desvalido no Caminho. O Bom Samaritano, como paradigma da Humanização em saúde*, p. 128.

²¹ *Bíblia Sagrada*, versão dos textos originais, Lucas 10, 23-25 (pp. 1692-1693).

²² KOSTER, H., “Splanchnon”, in: Grande Lessico del Nuovo Testamento Brescia, Padeia, 1971, XI, in: *Ibidem* p. 57.

²³ MENESES, R. D. B. - “O Vulnerável segundo a parábola do Bom Samaritano” p. 25.

A parábola da vulnerabilidade do Desvalido apresenta um momento de “ética poiética” e uma prova patética. A parábola, além de mostrar uma conduta de vulnerabilidade (ética da fragilidade), revela-se como um elenco marcado pela emotividade do “fazer plesiológico” do Samaritano.

Esta narrativa - conto revela a conduta exemplar e provocante da fragilidade. A parábola do Bom Samaritano é uma narrativa deliberativa da vulnerabilidade. O Samaritano, segundo este encómio, é a expressão fenomenológica da vulnerabilidade, porque houve uma outra vulnerabilidade retratada no “semi-morto”²⁴.

O Sacerdote e o Levita eram senhores de si e do seu mundo e eram fiéis seguidores de *Torah*, nunca, nos seus corações, sentiram a vulnerabilidade. A vulnerabilidade do Desvalido nada lhes diz²⁵.

A resposta é plesiológica, segundo a parábola, mas os resultados são vulneráveis, porque marcados pelo “fazer esplancofânico” de um estrangeiro, que marca a dimensão da estranheza ou uma leitura xenológica. A parábola do Bom Samaritano enquadra-se num discurso sobre a vulnerabilidade xenológica, originada numa “esplancofania” como novo *ethos* do “fazer moral”.

A morada da conduta humana, segundo a parábola, reside na vulnerabilidade passiva de um Samaritano, que é xenológica e plesiológica, porque vem de outra morada: – *Verbum caro factum est* (a palavra fez-se carne)²⁶.

A vulnerabilidade é condição e conduta da morada do fazer plesiológico, logo a vulnerabilidade como passividade determinará um novo elemento plesiológico²⁷. Deste modo pode ser entendida como uma categoria inerente à existência e à compreensão do ser humano, uma vez que exprime a própria finitude da condição humana.

Assim, defende-se que a vulnerabilidade caracteriza a condição humana desde o primeiro até ao último momento. Essa condição é reconhecida pelos limites e pelas possibilidades da vida humana, que permanece como lembrança indestrutível dessa condição.

Na verdade, ser pessoa é ser vulnerável. Tal como nos afirma Osswald “a vulnerabilidade faz parte inalienavelmente da condição humana, já que

²⁴ Idem, *Ibidem*. p. 25.

²⁵ FUMK, R., “The Good Samaritain, as Mataphor”, in: *Semeia*, 2 (1974) p. 78; in: MENESES, R. D. B. – “O Vulnerável segundo a parábola do Bom Samaritano” p. 41.

²⁶ *Bíblia Sagrada*, versão dos textos originais, João 1,14 (p. 1730).

²⁷ MENESES, R. D. B. – “O Vulnerável segundo a parábola do Bom Samaritano” in: *Revista de Cultura Teológica*.56 (S. Paulo, 2006) p. 26.

todos somos vulneráveis em certas aéreas do nosso ser ou em determinadas épocas do nosso existir”²⁸. O Homem reconhece os seus limites de acção, vivendo a experiência da dor, do sofrimento, da angústia, da impossibilidade de controlar, na totalidade o que poderá surgir, de forma particular a morte. Com efeito, poderá dizer-se que fazer a experiência da vulnerabilidade é rever-se na verdade inquieta do ser humano. O facto da vivência da vulnerabilidade ser perspectivada e sentida de forma negativa, a forma como o Homem se confronta com a sua própria vulnerabilidade, poderá determinar uma orientação positiva, na medida em que a fragilidade da contingência do ser humano abre a perspectiva do Outro. Ser-se frágil é também fazer a experiência da necessidade e do reconhecimento do valor do Outro.

Vulnerabilidade como proximidade em Lévinas

Segundo Lévinas, é na subjectividade que o Eu, sempre posterior à alteridade, se manifesta ao Outro, que existe necessariamente antes do Eu e que chama o Eu à existência. Então toda a subjectividade é em relação com o Outro, na dependência do outro que o faz ser²⁹.

Reconhecer no humano a vulnerabilidade é o mesmo que dizer que ele é passivo a uma acção, provinda do outro ser. Significa afirmar que o Homem é um ser colocado no mundo que interage com outros. Reconhecer o Homem como ser finito significa afirmar que a sua corporeidade não é única e simplesmente identificável a uma coisa mundana, objectivável.

Pela sua corporeidade, o ser humano é um ser encarnado capaz de afectividade, de acção e desejo e de tomar consciência de si, como ser mortal. Inerente à sua corporeidade reconhece-se a capacidade de transcender o estatuto de objecto ou de algo manipulável. Corporeidade e transcendência sustentam-no como consciente de si, capaz de se reconhecer como finito vulnerável e como agente moral. Em sentido concreto, vulnerável é aquele que pode ser atingido no plano físico, psíquico, social ou moral. Pode ser afectado, de modo negativo, por um mal que lhe cause danos físicos, psíquicos ou morais. Isso remete para a ideia de risco eminente que pode provocar sofrimento.

²⁸ OSSWALD, Walter – “Desafios postos pela vulnerabilidade aos pesquisadores. *Revista Brasileira de Bioética*, 2 (2), S. Paulo, 2006, p. 249.

²⁹ NEVES, M. C P., - Sentidos da Vulnerabilidade: característica, condição, principio. *Revista Brasileira de Bioética* 2 (2), 2006. p. 163.

O *pathos* próprio do homem faz dele um ser de múltiplas potencialidades e de fragilidades. Por outros termos, ser corpóreo, será aquele que se projecta para fora de si e se relaciona com o Outro³⁰.

Segundo Patrão Neves, a vulnerabilidade não define a subjectividade num plano ontológico, como identidade substancial ou natureza do ser humano, mas no plano ético, surge como um apelo a uma relação não violenta entre o Eu e Outro, no “face a face”, situação originária da subjectividade. O Eu, na sua vulnerabilidade, apresenta-se como resposta não violenta à eleição do Outro que o faz ser. Assim, continuando a citar a mesma autora, a vulnerabilidade entra, no vocabulário filosófico como realidade constitutiva do homem, como condição universal da humanidade e como indissolivelmente ligada à responsabilidade, no sentido etimológico de resposta³¹.

A vulnerabilidade, no cenário do existir humano, tem permitido a expressão de uma ética de solicitude ao Outro. Isso leva ao entendimento da razão pela qual a prática clínica e as políticas de saúde devem ser consideradas como formas relevantes da humanização. Fica assim configurada a relação entre o *pathos da* vulnerabilidade, na situação de sofrimento e de doença, e o apelo aos actos do cuidado.

Na situação do cuidado, a vulnerabilidade indica o anseio de ser auxiliado, de receber as ajudas no sofrimento da doença. A primeira intenção ética é dar prioridade ao Outro para aliviar-lhe a dor e o sofrimento.

O Rosto do próximo significa uma responsabilidade irrecusável, precedendo todo o consentimento livre, todo o pacto e todo o contacto. Ele permanece absolutamente assimétrico em relação a mim. Refere-se como proximidade nunca totalmente próxima, não sendo o contacto com Outrém, que anularia a “alteridade”.

O surgimento do Outro, como vulnerabilidade, será a vida da minha responsabilidade, que revela a finitude numa dimensão ética, porque o Homem não pode ilibar-se da chamada suplicante e exigente do Rosto do outro Homem. Esta proximidade não se revela com carácter espacial, mas sublinha, naturalmente, o carácter contingente desta relação, porque próximo é o primeiro que chega³². O próximo mais próximo, segundo a interpretação da parábola, pela leitura de Lévinas, é aquele que chegou primeiro.

³⁰ ZUBEN, N.A.V.- Vulnerabilidade e Decisão: tensão no pacto médico. *Revista O Mundo da Saúde* - São Paulo, ano 30v. 30 n.3 Jul/Set 2006. p. 442.

³¹ NEVES, M. C P., – “Sentidos da Vulnerabilidade: característica, condição, princípio”. p.p. 163-164.

³² LÉVINAS - *Du Sacré au saint*; Paris Minit, 1977 p. 106.

Foi o *quidam homo*, que descia de Jerusalém para Jericó, que caiu às mãos dos salteadores que O despojaram e abandonaram, deixando “meio – morto”. A proximidade consiste em estar abraçado a um próximo, que é estranho, desvalido ou vulnerável, um absolutamente Outro.

O próximo é o desenraizado, o apátrida, o exposto ao frio e ao calor das estações, o que, em suma, está despido de dignidade ou de valor, aquele que é Desvalido e vulnerável. O próximo, mais próximo da parábola, como Desvalido no Caminho gerou a proximidade de um Samaritano. E a proximidade é ditada, não pela distância, pelo espaço ou pelo tempo, de que o seu ser, como “vulnerável”, me incumbe, me acusa de uma falta, que não cometi livremente, obrigando-se a um despojamento de si mesmo, para cuidar do Outro como frágil³³.

A vulnerabilidade é uma proximidade de proximidade, com o Outro, e a proximidade é uma vulnerabilidade do Samaritano. Daqui se infere que a vulnerabilidade do Outro (*quidam homo*) será um “aniquilamento plesiológico”. Surge como um *proprium* plesiológico do Desvalido no Caminho da vida³⁴.

O cuidado é uma proximidade. É o elemento plesiológico do vulnerável. Sem o cuidado ao Desvalido aquilo que se vivencia será “vulnerabilidade da vulnerabilidade”.

Como salienta R. Meneses, o Outro torna-se “vulnerável” confirmando a minha permanência e não me deixa fugir tal como o Samaritano que viu e se aproximou. O Sacerdote e o Levita significaram uma ruptura de solidariedade com o Outro (semi-morto). O Outro (desvalido) está próximo, provoca no Samaritano a questão ética, leva-me para além da minha vontade e da minha consciência, desperta-me para a responsabilidade, que se expressou na atitude do Sacerdote e do Levita, como distância do vulnerável³⁵.

Foi o Outro (desvalido) que apareceu primeiro no caminho da proximidade, tendo levado o Samaritano (vocação do cuidado) à proximidade, acolhendo-O e respondendo aos Seus apelos. Estes apelos do vulnerável são os cuidados (colocou as ligaduras, e aplicou o azeite e vinho). A proximidade surge como relação sem relação não mediada, na imediatez do Outro, que é subjectividade anárquica como implicação, recepção e acei-

³³ MENESES, R. D. B. - *O desvalido no Caminho. O Bom Samaritano, como paradigma da Humanização em saúde*, pp.....

³⁴ MENESES, R. D. B. - *O desvalido no Caminho. O Bom Samaritano, como paradigma da Humanização em saúde*, p. 134.

³⁵ Idem p. 134.

tação vulnerável, que vem a mim (Samaritano), como aquele que presta cuidados, significando mais do que a origem e mais do que a consciência³⁶.

A proximidade não é um estado, nem um repouso, será precisamente inquietude, não - lugar, fora do lugar e do repouso, que perturba a calma da não localização do ser, que se torna “repouso”.

A proximidade converte-se em sujeito, chega ao superlativo, quando desencadeia a “inquietude” que não cessa, convertendo-se em única e, desde este momento, esquecendo-se completamente da reciprocidade. A proximidade é vulnerabilidade, fazendo com que esta seja uma plesiologia quenótica. Na vulnerabilidade há quenose do sujeito. O “aniquilamento plesiológico” é a quenose da vulnerabilidade, que teve o seu epílogo no Gólgota, pela Paixão e Morte, e apresentou o seu prólogo no proto - evangelho da Cruz: parábola de Bom Samaritano³⁷.

A proximidade não está no saber e tão pouco na reciprocidade. A proximidade é não – indiferença à presença do Outro, que me olha. A proximidade é presença do vulnerável (semi-morto), como Desvalido, que olha e chama o Samaritano. Cuida de mim! ...É o mandamento. A proximidade tem dois acusativos: vulnerabilidade e cuidado

A proximidade significa vencer o medo de superar o esquecimento da responsabilidade e da solidariedade ao chamamento e de encontrar a dimensão do existir e do fazer ao vulnerável.

Segundo R. Menezes, a proximidade é o movimento em direcção ao Outro (vulnerável), sem preocupação do movimento de volta, porque houve um “movimento esplancnofânico” do Samaritano. Este foi em direcção ao Outro porque O (desvalido) viu, aproximou-se e acolheu-O sem se preocupar pelo “movimento” do regresso³⁸.

A proximidade do vulnerável cria-me uma ordem (pela ética normativa) e vivencia-me, pelos cuidados, pela “esplancnofania plesiológica” (acção da misericórdia ao próximo), actualizando uma aretologia soteriológica. A proximidade é a soterologia da vulnerabilidade pelo cuidado. A proximidade é “dar prioridade “ao vulnerável.

³⁶ COSTA, M.L. - *Lévinas: uma introdução*, Petrópolis: Editorial Vozes, 2000, p. 170.

³⁷ MENESES, R. D. B. - O Desvalido no Caminho. O Bom Samaritano, como paradigma da Humanização em saúde, p. 135.

³⁸ MENESES, R. D. B. - *O Desvalido no Caminho. O Bom Samaritano, como paradigma da Humanização em saúde*, p. 136.

Conclusão

O projecto de auto-realização exige, da parte dos outros, reconhecimento, respeito, liberdade de acção e não instrumentalização da pessoa. Essa auto-realização, que seria o objecto e a razão da dignidade, só é possível pela solidariedade e pela vulnerabilidade.

Pela parábola do Bom Samaritano, o Desvalido no Caminho é “vulnerável” e o vulnerável é “desvalido”. Este é o grande epílogo da narrativa - conto, onde Jesus Cristo está presente como a “quenose” de Deus-Pai³⁹.

Naturalmente, a vulnerabilidade é uma “quenose” e surge como aniquilamento do ser, do agir e do fazer. Jesus Cristo não escapou ao “aniquilamento ou à “quenose”, no Golgota. A parábola do *Hom -Viator* é eticamente um prólogo da vulnerabilidade de Deus-Pai, em Jesus Cristo.

A vulnerabilidade é a situação daquele que está ferido pelas pancadas dos salteadores, até estar sujeito ao sofrimento, como se simboliza no justo sofredor do Deus de Israel⁴⁰.

A vulnerabilidade implica uma correlação intersubjectiva, onde se encontra o patético do agir, do estar, do ser e do fazer. Daqui que, segundo a fenomenologia bíblica, a vulnerabilidade teve uma morada (conduta humana frágil), onde habita a falência do estar até ao fazer, surgindo como uma vivência plesiológica representada no Samaritano. Fenomenologicamente, a vulnerabilidade diz uma relação plesiológica pela conduta poiética. Não necessita de imperativos teleológicos (ética nicomaqueia) nem de imperativos categóricos (deontologismo kantiano), dado que é a verdadeira debilidade, como, na ordem da economia soteriológica, esteve no pretório de Pôncio Pilatos. O *Ecce Homo* é a vulnerabilidade suprema da “esplancnofania poiética” do Pai das

Misericórdias. Esta vulnerabilidade, além de ter um proémio na parábola do Bom Samaritano, verificou-se na flagelação, segundo S. João, encontra-se realizada desde a passividade da passividade até à proximidade do Samaritano ao Desvalido. Este é o Rosto da fragilidade do ser ao fazer.

A vulnerabilidade, como nota soteriológica, implica uma relação dual de cedências, como se concretiza na parábola. Assim, encontramos o Samaritano, que se tornou numa vulnerabilidade passiva, porque o Desvalido no Caminho era um ser activo, ao despertar naquele a “esplancnofania poiética”⁴¹.

³⁹ MENESES, R. D. B. – “O Vulnerável segundo a parábola do Bom Samaritano

⁴⁰ *Ibidem*. p. 30.

⁴¹ MENESES, R. D. B. - O Desvalido no Caminho. O Bom Samaritano, como paradigma da Humanização em saúde, pp. 202-203.

Segundo R. Meneses, a vulnerabilidade traz consigo xenologia ou a dimensão da estranheza do agir e do fazer. É uma xenologia poiética. A vulnerabilidade participa deste cuidado xenológico. Para o mesmo pensador, segundo a parábola do Bom Samaritano, será possível uma “teologia da vulnerabilidade”, caracterizando-se pelo papel do estranho na doação e serviço da fragilidade do Outro. O agir e o fazer implicam “condutas quebráveis”, como encontramos nas personagens da parábola: salteadores, Sacerdote, Levitas, Samaritano e “semi-morto”.

A vulnerabilidade é uma qualidade vivencial do Desvalido, e este é *per naturam suam* vulnerável. De facto, a “comoção das vísceras” do Samaritano é uma dimensão plesiológica da vulnerabilidade, uma vez que esta origina aquela⁴².

A vida do Desvalido no Caminho é determinada pela debilidade ontológica. Naturalmente que a vulnerabilidade está condicionada pela solidariedade. Quanto mais vulnerável, mais solidário se é. Esta resolve as muitas feridas do coração e do ser.

Segundo o sentido fenomenológico, a vulnerabilidade tem tanto de solidariedade, quanto esta daquela. É uma necessidade plesiológica que vem do sentido axiológico-ético da vulnerabilidade de um Desvalido no Caminho. Esta é a parábola da vulnerabilidade, porque descreve um Desvalido na sua “debilidade soteriológica”.

⁴² MENESES, R. D. B. – “O Vulnerável segundo a parábola do Bom Samaritano” p. 301.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bíblia Sagrada*, versão dos textos originais, Lisboa/Fátima, Difusora Bíblica, 2003, João 1,14 (p.1730); Lucas 10, 25-37 (pp. 1692-1693).
- BRITO, J.H.S., – *De Atenas a Jerusalém: a subjectividade passiva em Lévinas*, Lisboa, Universidade Católica Editora, 2002, p. 214.
- J. TUDELA – “El Exceso de Bien: Subjectividad y significación ética en E. Lévinas”, in : *Escrites del Verdat*, 12 (Madrid, 1982), p. 76.
- LÉVINAS, E., - *Du Sacré au saint*; Paris Minuit, 1977 p. 106.
- _____, *Autrement qu’être au delà de l’essence*, La Haye: Nijhoff, 1974, pp. 74-75.
- MENESES, R. D. B., “O Vulnerável segundo a parábola do Bom Samaritano” in: *Revista de Cultura Teológica*. 56 (S. Paulo, 2006).
- _____, *O desvalido no Caminho. O Bom Samaritano, como paradigma de humanização em saúde*, Santa Maria da Feira, Edições Passionistas 2008.
- COSTA, M. L.- *Lévinas: uma introdução*, Petrópolis, Editorial Vozes, 2000.
- NEVES, M. C P., - “Sentidos da Vulnerabilidade: característica, condição, principio” in: *Revista Brasileira de Bioética* 2 (2), S. Paulo, 2006.
- OSSWALD, Walter – “Desafios postos pela vulnerabilidade aos pesquisadores” in: *Revista Brasileira de Bioética* 2(2), 2006.
- ZUBEN, N.A.V., - “Vulnerabilidade e Decisão: tensão no pacto médico.” in: *Revista O Mundo da Saúde* - São Paulo, ano 30v. 30 n.3 Jul/Set 2006.

